

Revista
Latino-americana de

*G*eografia e Gênero

Volume 12, número 1 (2021)
ISSN: 2177-2886

Resenha

Dororidade, de Vilma Piedade

Dororidade, de Vilma Piedade

Dororidade, by Vilma Piedade

Carolina Russo Simon

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho - Brasil
carolina.simon@unesp.br

Como citar esta resenha:

SIMON, Carolina Russo. Resenha: Dororidade, de
Vilma Piedade. **Revista Latino Americana de
Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, p. 246-250, 2021.
ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

“Não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem sente. Há dor. Dor dói e ponto” (p.18).

Vilma Piedade se apresenta no livro como: “Mulher Preta. Brasileira. Feministas. Mulher de Asé. Aquariana, nascida em fevereiro de ano distante, do século passado” (p. 58). Ela é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, graduada em Letras com pós-graduação em Ciência da Literatura-Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Não só é professora e acadêmica, mas também é militante e integrante do movimento de protagonização de mulheres para a política (PartidA Rio), da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) e da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO), uma intelectual orgânica.

A obra traz como título: Dororidade. Palavra nova que não existe, ainda, no dicionário brasileiro. Este novo vocábulo foi criado pela autora em 2007 em uma reunião de mulheres militantes e foi se transformando em um conjunto de ideias, um conceito que foi apresentado a primeira vez no artigo “Dororidade ... o que é? Ou o que pretende Ser” publicado no blog da PartidA em maio de 2017¹. Posteriormente, em novembro de 2017, mês emblemático para o movimento negro, o conjunto de ideias que representa dororidade transformou-se no livro de 64 páginas, e inaugurou a coleção Conceitos da Editora Nós.

O prefácio da primeira edição foi escrito por Marcia Tiburi, filósofa, artista plástica e militante. Ela é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pós-doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É fundadora do movimento de protagonização de mulheres para a política (PartidA), espaço de reflexão e luta que constrói junto a diversas mulheres, entre elas a autora do livro, Vilma Piedade. Marcia Tiburi conta brevemente no prefácio como surgiu a palavra dororidade “eu tenho a sorte de presenciar o parto” (p.07). Ela definiu a obra como “uma prosa reflexiva, o melhor do pensamento selvagem que todo intelectual busca” (p.07).

Dororidade é uma obra de preço acessível, 30,00 reais pelo site oficial da editora. Mesmo sendo um livro de filosofia, conta com um linguagem didática e acessível, ler é como participar de uma conversa agradável, cheia de histórias contadas com leveza e admirável intelectualidade... rompe com a filosofia para intelectuais e a torna acessível, marcado pelo Pretuguês dialoga com mulheres brasileiras em geral.

O livro já inicia de forma provocativa e envolvente, com uma advertência: “Este livro segue a grafia do Pretuguês. *Cum é qui é?*”. Logo, a forma que foi escrito traz consigo a luta decolonial com a língua portuguesa, do colonizador. A livre escrita do Pretuguês, categoria linguística evidenciada por Leila Gonzáles, a qual grafia o português falado pela população brasileira, carregado de africanização. Desta forma, Vilma Piedade respeita e evidencia o que a academia chamaria de “coloquial” e põem em xeque o racismo linguístico.

O “Xirê filosófico” (p. 23) proposto pela autora está dividido em quatro

1 Disponível em: <<https://partidanet.wordpress.com/2017/05/19/dororidade-o-que-e-ou-o-que-pretende-ser/>>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.

partes: "Dororidade; O poder feminino na tradição iorubá; Dororidade...Racismo Religioso...Feminismo...; A Cor da Faxina no Brasil." O princípio filosófico é resgatado e reforçado pela circularidade durante todo o livro, aspas ("") e as noções de branquitude, racismo e sororidade são trabalhadas de forma didática, a obra desperta uma consciência crítica para mulheres brasileiras brancas sobre qual nosso lugar na luta antirracista.

Na primeira parte escancara a necessidade de lutar com as palavras, lutar com os "Filósofos, teóricos, homens" (p. 11), apresenta a teoria de Roland Barthes e de Lélia Gonzales como seus marcos para "destravar o texto-conceito" (p. 11). Apresenta logo nas primeiras páginas os textos atuais e de potência, que contribuem para a proposta do conceito dororidade, estes são produzidos por mulheres alinhadas ao feminismo antirracista e popular, feminismo interseccional, como: Marcia Tiburi, Sueli Carneiro, Angela Davis, Djamila Ribeiro.

Vilma apresenta as trágicas estatísticas brasileiras, em diferentes partes do livro, onde as mulheres negras lideram os altos números de Femicídio, homicídio, estupro, violência obstétrica e também o menor salário em comparação a homens e mulheres brancos e também homens negros. Expõem, diversas vezes, a urgência de se agir frente ao genocídio da população jovem negra, e, com referência na letra da música de Elza Soares, a autora afirma que: "a carne preta ainda continua sendo a mais barata do mercado" (p. 14). Segundo a autora, a escravidão, que veio junto com a colonização, violentou marcos civilizatórios adicionalmente a Abolição inconclusa, inventou que Pretas e Pretos são mais resistentes à dor.

Assim, ela sustenta seu argumento a partir da compreensão de José de Oliveira e Náfren Lima (2008) e de Deleuze e Guatarri (2010) para explicitar a necessidade de filosofar e criar conceitos, sendo os conceitos inacabáveis, que necessitam de movimento, a autora desafia a noção de Sororidade, como conceito imóvel criado pelo Feminismo teórico branco e europeu. Afirma: "conceitos são circulares, e, até para eles, como se diz, a fila anda- surgem significados inesperados, aparecem outros discursos, despontam novas reflexões" (p. 16).

Apresenta a etimologia das duas palavras, sororidade vem de *sóror*-irmãs e dororidade vem de *dolor*. Vilma Piedade posiciona-se e define: "Dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta" (p. 16). Afirma, então que existe uma dependência entre sororidade e dororidade, pois o feminismo promove a sororidade e é ancorada pela irmandade entre nós mulheres, mas que não basta para a mulher preta.

Logo, um conceito depende do outro, mas "Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as mulheres pelo machismo" (p. 17). Para a autora o que une a nós, todas as mulheres, é a dor causada pelo machismo e dororidade não tem a intenção de substituir a sororidade e, sim, uma intenção dialógica. Esta nova perspectiva filosófica feminista que intersecciona a dor de, pelo menos, duas opressões: gênero e raça é a grande genialidade de Vilma Piedade, nas palavras da autora:

É nesse ponto que a Dororidade se instaura e percorre a trajetória

vivenciada por Nós, População Preta, e aqui, em especial, Nós-Mulheres- Mulheres Pretas, Brancas, de Axé, Indígenas, Ciganas, Quilombolas, Lésbicas, Trans, Caiçaras, ribeirinhas, Faveladas ou não, somos Mulheres (p. 19)

Para sustentar sua argumentação, sobre a dor da mulher preta, a autora parte do Racismo como imobilizador, que existe para manter a branquitude. Expõem o racismo estético, o racismo linguístico e o racismo religioso, argumentando com Conceição Evaristo, Du Bois, Achille Mbembe, Frantz Fanon entre outras autoras. Ela expõe diversas violências do racismo-machista e afirma que: “é possível construir o Feminismo Interseccional Inclusivo. Mas só se tendo todos os tons de Pretas” (p. 25).

Como uma Mulher de Asé, traz elementos dos mitos e tradições africanas, *itan*, base da cultura e das tradições africanas. Assim, a segunda parte do livro “o poder feminino na tradição iorubá”, marca a trajetória mística da orixá Iansã- que representa o poder Feminino. Orixá que dança e espalha os poderes ditos masculinos, que é um corpo liberto. A autora tem como intenção tencionar a visão da mulher na sociedade ocidental cristã, aquela que peca e, “esse corpo pertence a Deus! O corpo de luta política, o do prazer, do direito ao nosso corpo, é demoníaco, do mal” (p.30). Neste ponto do livro, a autora adentra a crítica da colonização e evidencia a resistência, através do povo de terreiro, que tem o princípio de acolhimento como o que une pela palavra-oralidade.

Já a terceira parte: “Dororidade...Racismo Religioso...Feminismo...” a autora continua na tradição como pensadoras da diáspora africana, que denunciam o racismo religioso sofrido historicamente pelas matriarcas das casas de axé. Expondo com dados históricos e recentes de como não é qualquer crime de intolerância, a autora pontua: “Não esqueçamos que hoje, no museu da Polícia civil do Estado do Rio de Janeiro, há mais de duzentas peças sagradas da Umbanda e do Candomblé aprendidas desde a primeira república” (p.40) e assim, ela faz a referência à campanha “Libertem o Nosso Sagrado” e relaciona o racismo religioso com o racismo linguístico:

Coleção de “Magia Negra”. Ora... se tem magia Negra é porque existe uma Magia Branca. É isso mesmo? Olha aí o Racismo linguístico, ideológico, alimentando a Branquitude. Branquitude enquanto sistema de opressão e Privilégios. Racismo Religioso (p. 40).

Ao longo de toda a obra a autora explana a necessidade do diálogo feminista e uma democracia feminista, que aposta na construção do Feminismo Dialógico Interseccional, onde a história da mulher preta, os marcos civilizatórios, precisam ser incorporados nas ações e práticas do feminismo contemporâneo. Como ela diz: “Quando penso em Diálogo, na construção de um Feminismo Inclusivo, preciso recuperar nosso princípio filosófico. *Ubuntu*. Eu contendo o outro. Somos um. Somos uma. O famoso.. pegou pra uma...pegou geral” (p. 45).

Afinal, as violências herdadas da colonialidade, produziu esse silêncio histórico, o Mito da Democracia Racial, o não-lugar, a invisibilidade do “não ser, sendo” (p.17), mas também essa resistência, potência de mudança

ancestral que carrega a tradição Iorubá exposta amplamente pela autora. Onde, “a Dor e a nem sempre delícia de se saber quem é, quem somos numa sociedade mascarada pelo mito da democracia racial...” (p. 18).

Em “A Cor da faxina no Brasil”, a quarta e última parte do livro, Vilma inicia com a citação de seu artigo, com o mesmo nome do capítulo, onde afirma que a faxina tem cor é Preta no Brasil. “Tá no Léxico. No dicionário. É só procurar, sinônimos e antônimos” (p.43). A dororidade surgiu principalmente pela dor de ser mulher e preta, logo faxineira:

A pergunta feita à Historiadora Luana Tolentino por uma legítima representante da Branquitude (“...Moça, você é Faxineira...?”), causou, recentemente, indignação nas redes sociais. E a resposta de Luana à referida senhora (“...Não, eu faço Mestrado. Sou Professora ...”) sinaliza que o Racismo avança a todo vapor (p. 43).

A urgência de um conceito que dessa conta da dor da mulher negra, que se transforma em luta, é evidente na atualidade. Dororidade é refletida pelo apoderamento do conceito por meninas e mulher negras jovens. Elas estão cantando, grafitando e explicando a dororidade das formas mais contemporâneas possíveis.

Em breve busca é possível perceber que o conceito pulsa nas redes sociais, através de diversos vídeos falando sobre o livro e suas potências como palavra e conceito. Temos, também, músicas com este nome que trazem elementos do rap e do grafite em seus videoclipes, entre outras manifestações artísticas, que estão evidenciando a dor das meninas e mulheres negras através da potência de compartilhar a dor do racismo estrutural e o sonho de uma democracia verdadeiramente feminista.

Por fim, mas não menos importante, é necessário destacar o esforço filosófico da autora de trazer o diálogo didático, essa prosa gostosa e mística, que nos ensina e nos faz refletir sobre a necessidade de revolucionar, com palavras, com referências de mulheres, com ancestralidade do povo brasileiro. Este pequeno grande livro resgata a utopia da democracia feminista antirracista, para todas as mulheres, é um estímulo para continuar lutando e acreditando que podemos mudar.

Referências

PIEADA, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

Recebido em 10 de janeiro de 2021.

Aceito em 06 de maio de 2021.

Carolina Russo Simon

